

# Maioria dos Governadores defende o adiamento

BRASÍLIA — Sem encontrar uma saída negociada para evitar o confronto em seu Partido, o Presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, reuniu durante quatro horas em sua casa a maioria dos Governadores para discutir como evitar a divisão, caso seja derrotada a preliminar que transfere a discussão do mandato do Presidente José Sarney para a Constituinte.

Intercalada por um rápido jantar, a reunião com 21 Governadores não obteve consenso. A proposta que obteve mais adesões foi a dos Governadores Orestes Quéricia (SP), Moreira Franco (RJ) e Newton Cardoso (MG), que redigiram um documento transferindo a questão para a Constituinte, Quéricia fez as vezes de coletor de assinaturas e conseguiu 14. Não aderiram Epitácio Cafeteira (MA), Henrique Santillo (GO) e Fernando Collor (AL).

O Governador de Pernambuco, Miguel Arraes, que já havia endossado este documento e, pressionado pela bancada, optou por uma decisão em torno de quatro anos de mandato, apoiou a preliminar.

Cafeteira disse que não assinou porque o Presidente precisa de uma definição para determinar melhor as diretrizes de Governo, principalmente na questão da dívida externa. Para Santillo, deixar de votar o mandato e o sistema de Governo frustrará ainda mais as bases. Ele considera mais viável votar um meio termo: cinco anos com parlamentarismo. Collor não abriu mão dos quatro anos.

Mesmo com a adesão deste grupo de Governadores, a estratégia que se definiu ali não pôde avançar mais que o convencimento, delegado a delegado, pelos governadores. Cada governador, em encontros informais, almoços, jantares ou convocações de suas bancadas e delegados, faria um esforço derradeiro para demover



Waldir, Richa, Quéricia, Fernando Henrique, Simon, Arraes e Covas discutem a preliminar

“progressistas” e “moderados” do confronto na Convenção.

Nas palavras de Quéricia, é preciso “dar nova costura ao PMDB”. Para Waldir Pires (BA), a falta desta costura será a derrota da estratégia do PMDB para “chegar ao porto seguro da transição”.

— A transição — disse — acaba com a promulgação da Constituinte. O compromisso do PMDB é dar uma nova ordem jurídica ao País. A partir daí chegamos à ruptura, definindo, na Constituinte, o mandato e o sistema de Governo.

Como reconhecem informalmente os defensores desta linha de raciocínio, ao definir o mandato de Sarney em quatro ou cinco anos, o PMDB estará apresentando a Sarney o palco de atuação de seu Governo dentro do plenário da Constituinte e do Congresso. A partir desta identificação, ele poderá redesenhar seu apoio parlamentar preparando-se para a batalha dos cinco anos na própria Constituinte. Assim, o PMDB que, na Constituinte, poderia contar com a adesão de partidos como PTB, PT, PDT, PDS numa pregação constituinte de “diretas-já”, vai trocar de lugar com o próprio Sarney. Ele terá condições e tempo de redistribuir seu poder de influência dentro desses partidos na soma com o PFL e uma boa fatia do próprio PMDB.

— Tanto a direita quando a esquerda desejam uma divisão do PMDB — observou Pires. — Isto vai perturbar nossa estratégia. A Aliança Democrática já está morta, já cumpriu seu papel. O PMDB não precisa se manter unido com vistas à Constituinte. Acho que o Presidente até deve mesmo organizar sua nova base parlamentar. O PMDB é que precisa de unidade para fechar o ciclo histórico da nova ordem jurídica.

Entre os que assinaram o documento de Quéricia, Moreira e Newton, estava o Governador da Paraíba, Tarcísio Burity que, se for para decidir, vota nos cinco anos.

— Estou impressionado com este Partido. Ele tem garantidos seis anos de mandato na atual Constituição e quer renunciar a dois. Nunca vi tamanho desprendimento para abdicar do poder. É até bonito, mas nunca conheci um partido tão disposto a permanecer sempre na oposição — comentou.

O Governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, que tem avaliação parecida com a de Pires, aposta que o PMDB, mais uma vez, vai sair de uma anunciada implosão como de costume: encontrando uma solução conciliatória, que passa pela preliminar.

## Briga interrompe, à tarde, discussão programática

BRASÍLIA — As divergências da Convenção do PMDB assumiram um caráter mais violento quando um grupo de pessoas, defendendo o mandato de cinco anos, provocou a suspensão dos trabalhos, às 15h40m, quando se começava a discutir os temas programáticos. Os manifestantes — que “progressistas” denunciam como tendo sido contratados pelo Governador de Minas, Newton Cardoso — iniciaram um conflito, com agressões físicas a partidários dos quatro anos, que resultou na transferência da reunião para o plenário da Câmara dos Deputados.

A sessão teve início às 15h15m, num clima já tenso, com um pronunciamento do ex-Deputado João Gilberto, falando em nome da Executiva Nacional. Gilberto deveria abordar principalmente o processo constituinte, mas praticamente não pôde ser ouvido. Partidários das duas correntes gritavam incessantemente a favor dos quatro ou dos cinco anos. Logo ocorreu o primeiro confronto. Integrantes da facção favorável aos cinco anos rasgaram uma faixa dos “progressistas”.

João Gilberto reagiu quando os gritos dos defensores dos cinco anos aumentaram: “Espero que os companheiros tenham respeito pelo menos por bandeiras como reforma agrária e liberdade sindical. Espero que não renunciem à cidadania neste apego cego pelo poder. Espero que não fiquem cinco anos sem Constituição”.

Com a aproximação da torcida organizada, João Gilberto teve que interromper o seu pronunciamento, já que estava próximo o confronto com o grupo dos quatro anos. O Deputado federal Roberto Martins (MG) chegou até o orador e denunciou que o grupo dos cinco tinha vindo de Belo Horizonte e Contagem, em 15 ônibus contratados pelo Governador Newton Cardoso. Eram liderados pelo ex-Deputado Dimas Ferrin.

Alguns convencionais de Minas Gerais se aproximaram de João Gilberto e avisaram: “O objetivo é o enfrentamento. Eles querem melar a Convenção”. Os manifestantes gritavam sem parar: “Uai, uai, tá aqui Minas Gerais”. Depois de alguns minutos, João Gilberto voltou a falar sobre a Constituinte, mas o grupo demonstrou que não estava interessado no assunto:



Trazidos por Newton Cardoso, partidários dos cinco anos iniciam conflito

— É hora, é hora, é hora, esse cara tá por fora — gritavam os mineiros, com a ajuda de manifestantes do Rio de Janeiro e do Distrito Federal.

Já num ambiente totalmente tumultuado, o Senador Severo Gomes, que presidia a sessão, interrompeu os trabalhos às 15h40m, avisando que a Convenção seria reaberta às 17 horas, se houvesse condições.

Milton Reis (MG) e Severo Gomes (SP) assistiam a tudo impassíveis. As 15h50m, alguns manifestantes rasgaram todas as faixas do grupo dos quatro anos e teve início uma luta corporal. O Deputado Cardoso Alves (SP) colocou-se no meio dos manifestantes, tentando apartar a briga, mas não foi bem recebido: “Fora UDR, fora UDR”.

Na briga, foi agredido a socos o Presidente do Diretório da Ilha do Governador (RJ), Mário Lopes Correa. Indignado, ele gritava: “Se houver eleições no ano que vem, pode entrar qualquer aventureiro, inclusive o Brizola”. Os defensores dos quatro anos eram chamados de “petezinhos”, mas revidavam prontamente: “diretas, diretas”.

O presidente do Diretório Regional do Distrito Federal, Milton Seligman, também havia assalariado do ex-Deputado Múcio

Athayde no grupo favorável aos cinco anos. As 16h05m, o Secretário-Geral do PMDB, Milton Reis, informou que os trabalhos seriam transferidos para o plenário da Câmara dos Deputados. As torcidas poderiam ficar nas galerias e haveria segurança para todos. Mas ele deixou claro:

— Deste pessoal, 95 por cento não é convencional.

Estava com a razão. Os próprios manifestantes informaram que vieram apenas torcer. Vieram em ônibus pagos por Newton Cardoso e Aníbal Teixeira, e ficaram hospedados numa chácara do Incra.

Após quatro horas de discussões na residência do Senador José Richa (PMDB-PR), a cúpula do partido concluiu que não há possibilidade de entendimento entre as três correntes peemedebistas na votação da duração do mandato presidencial e do sistema de Governo. O único acordo foi o de tentar-se impedir a divisão do partido após a Convenção. Os convencionais foram liberados para votar de acordo com suas consciências. Os participantes da reunião, Governadores e parlamentares, foram informados, pelo Deputado Ulysses Guimarães, que o Presidente Sarney insiste em que a duração do mandato seja submetida ao voto aberto.

## Reunião da Executiva altera cédulas e local da Convenção

BRASÍLIA — Uma reunião de mais de duas horas, na tarde de ontem, definiu novos rumos no encaminhamento da Convenção Nacional do PMDB. Membros da Executiva, alguns Governadores e Ministros decidiram, por consenso, alterar a cédula de votação e transferir a Convenção para o plenário da Câmara, depois de suspender a sessão da tarde em consequência do tumulto criado por uma briga entre as torcidas.

Prevaleceu o modelo de cédula proposta, na última quinta-feira, pela bancada de Pernambuco e encaminhada pelo Deputado Maurílio Ferreira Lima. Nela, os convencionais votarão primeiro o sistema de governo e, depois da apuração, o mandato presidencial.

A votação secreta, outra decisão da Executiva, foi mantida, depois de uma prolongada negociação entre as lideranças do partido. Só não foi endossada pelo Líder do Governo, Carlos Sant’Anna. Mas, no entanto, poderá ser derrubada por uma preliminar que será proposta hoje, pelo próprio Sant’Anna.

A alteração do modelo da cédula para a votação do sistema de governo e mandato do Presidente Sarney foi, na verdade, uma jogada do grupo defensor do mandato de quatro anos. O Líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, admitiu ontem à noite que, uma vez aprovado o parlamentarismo, já estará assegurada uma importante vitória para o seu grupo.

Meia hora antes, ele informava pelos corredores da Câmara dos Depu-

tados, sem a menor reserva, que a tese dos cinco anos poderia vencer, até na proporção de dois por um. Ele estudava a possibilidade de votar pelo adiamento da votação. Mas o grupo de Pernambuco, liderado por Fernando Lyra e Cristina Tavares, achou uma saída melhor e mais honrosa: a mudança da cédula.

O Primeiro-Secretário do PMDB, Euclides Scalco e o Senador Severo Gomes foram os primeiros a deixar a reunião e comunicar as decisões.

Após a decisão, a Deputada Cristina Tavares estava eufórica. Ela comentava com naturalidade:

— Depois que aprovamos o parlamentarismo, posso ir para casa e deixar a Convenção para o pessoal do Carlos Sant’Anna. A derrota do Sarney já estará caracterizada.